

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

João Batista Ribeiro Baptistello

**INICIAÇÃO TEATRAL EM ESCOLA DE ENSINO MÉDIO:
VIVENDO E APRENDENDO A JOGAR**

Santa Maria, RS
2019

João Batista Ribeiro Baptistello

**INICIAÇÃO TEATRAL EM ESCOLA DE ENSINO MÉDIO:
VIVENDO E APRENDENDO A JOGAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Teatro, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para a
obtenção do Título de **Licenciado em Teatro**.

Orientador: Prof. Dr. José Renato Noronha

Santa Maria, RS
2019

João Batista Ribeiro Baptistello

**INICIAÇÃO TEATRAL EM ESCOLA DE ENSINO MÉDIO:
VIVENDO E APRENDENDO A JOGAR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Teatro, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para a
obtenção do Título de **Licenciado em Teatro**

Aprovado em 12 de dezembro de 2019:

José Renato Noronha, Prof. Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador).

Daniel Reis Plá, Prof. (UFSM)

Cândice Moura Lorenzoni, Prof. (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

Conflitos de um Adolescente

*Não sei por que insisto
Em querer buscar resposta pro que eu já sei
O que sou não sei
Busco razão pra encarar os meus conflitos
Estou pedindo ajuda vem me ajudar*

*Não sei porque insisto
Em buscar resposta pro que eu já sei. Estou
Confusa precisa de ajuda
Pra resolver as minhas dúvidas*

*Eu sei que o mundo não gira ao meu redor
Será?
Não sou criança
Não sou adulta
Sou apenas adolescente tentando me encontrar há, há*

*Se hoje sei o que quero
Amanhã tudo é mistério*

*Não sei o que se passa em minha cabeça
Tudo é confuso*

Às vezes penso que gostar é apenas convivência

Não sei porque brigo tanto com meus pais

*Porque tento ser diferente
Tentando buscar razão pra explicar a minha própria razão
Oh mãe tenha paciência
Com a sua adolescente que não sabe escutar*

*Oh mãe tenha paciência
Com a sua adolescente que precisa se encontrar
Eu sei
Não sei
Se sei, não quero saber
Preciso de ajuda pra me encontrar*

*Oh mãe tenha paciência
Com a sua adolescente que não sabe escutar
Oh mãe tenha paciência
Com a sua adolescente que precisa se encontrar*

Thais Serra

(LETRAS, 2019).

RESUMO

INICIAÇÃO TEATRAL EM ESCOLA DE ENSINO MÉDIO: VIVENDO E APRENDENDO A JOGAR

AUTOR: João Batista Ribeiro Baptistello
ORIENTADOR: Prof. Dr. José Renato Noronha

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desenvolveu uma pesquisa de campo sobre a utilização dos Jogos Teatrais na iniciação teatral da disciplina Artes em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul. O interesse por tais práticas se deu por ser um processo de aprendizagem teatral eficiente, apresentado por diferentes pesquisadores que nos foram referenciais: Andrade (2006), Camelo (2015), Fabi (2013) e Faria (2002), que através de pesquisas e metodologias desenvolvidas para este público alvo, permitiram trabalhar com o conteúdo Jogos Teatrais em ambientes de ensino formal. Observou-se a importância de autores que tratam dos Jogos Teatrais: Ricardo Ottoni Vaz Japiassu, Olga Garcia Reverbel, Augusto Pinto Boal e Viola Spolin. Optou-se por fundamentar a metodologia dessas aulas de estágio nos trabalhos de Japiassu (2008) e Spolin (2008) para a prática pedagógica. Desenvolveu-se a pesquisa de campo com a observação minuciosa da turma e de seu comportamento no ambiente escolar registrando os dados e informações em cadernos de notas e diários, bem como, considerando a produção de protocolos e questionários por parte dos alunos. A partir da análise desse material, com base na fundamentação teórica, foi feita a interpretação dessas informações. Concluiu-se que as práticas teatrais começaram a fazer parte do repertório dos adolescentes, a ponto de organizarem o espaço da sala, antes da aula, propondo certa ressignificação ao lugar. Essa investigação proporcionou a conexão com a espontaneidade, com a improvisação, o rompimento do isolamento e o confronto de ideias.

Palavras-chave: Educação. Adolescente. Pesquisa. Jogo Teatral

ABSTRACT

THEATER INITIATION IN HIGH SCHOOL: LIVING AND LEARNING TO PLAY

AUTHOR: João Batista Ribeiro Baptistello
ADVISOR: Prof. Dr. José Renato Noronha

The present Course Completion Paper (TCC) of the Degree in Theater of the Federal University of Santa Maria (UFSM) developed a field research on the use of Theater Games in the theatrical initiation of Arts in a first year high school class. A state school in the city of Santa Maria in Rio Grande do Sul. The interest in such practices was due to being an efficient theatrical learning process, presented by different researchers who were referential to us: Andrade (2006), Camelo (2015), Fabi (2013) and Faria (2002), which through research and methodologies developed for this target audience, allowed working with the content Theater Games in formal teaching environments. The importance of authors dealing with the Theatrical Games was noted: Ricardo Ottoni Vaz Japiassu, Olga Garcia Reverbel, Augusto Pinto Boal and Viola Spolin. It was decided to base the methodology of these internship classes on the works of Japiassu (2008) and Spolin (2008) for the pedagogical practice. Field research was carried out with careful observation of the class and its behavior in the school environment, recording data and information in notebooks and diaries, as well as considering the production of protocols and questionnaires by the students. From the analysis of this material, based on the theoretical foundation, the interpretation of this information was made. It was concluded that theatrical practices began to be part of the repertoire of adolescents, to the point of organizing the space of the room, before class, proposing some resignification to the place. This investigation provided the connection with spontaneity, improvisation, the breaking of isolation, and the confrontation of ideas.

Keywords: Education. Teen Search. Theatrical Game

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fachada da Escola Estadual de Ensino Médio, ambiente da análise e interpretação da pesquisa de campo.....	22
Figura 2 - Tuma do primeiro ano do Ensino Médio, personagens da pesquisa na relação com a experiência.....	24
Figura 3 - Relação palco/plateia; representantes dos grupos na exploração de séries de jogos, análise do objeto de estudo no ambiente.....	35
Figura 4 - Apresentação das atividades de jogo pelos grupos de alunos, observação do objeto de estudo e seu comportamento.....	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA	11
3	REVISÃO DE LITERATURA	14
4	A BUSCA DE RESPOSTAS	21
4.1	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO	22
4.1.1	Onde, quem, e o quê	22
4.1.1.1	<i>Onde: ambiente, lugar, cenário</i>	22
4.1.1.2	<i>Quem: personagem ou relacionamento</i>	24
4.1.1.3	<i>O que: ação de cena, atividade</i>	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata de uma pesquisa de campo sobre o tema Jogos Teatrais¹ utilizado como conteúdo nos processos de iniciação ou formação Teatral. A pesquisa foi estabelecida para o Ensino Médio no exercício do estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria durante as atividades da disciplina Artes, ministradas em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual do município de Santa Maria.

Com as interpretações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a arte teatral, por mais que tenha sido contemplada no seu contexto, não é tratada como disciplina e para os quais não são definidos conteúdos na legislação como subsídio para o trabalho no Ensino Médio. Segundo a mesma, o papel do professor é promover as aprendizagens em seis dimensões do conhecimento por ela proposta: Criação, Crítica, Fruição, Estesia, Expressão e Reflexão (BRASIL, 2019).

Seus conteúdos são planejados e definidos pelas escolas, o que permitiu, neste sentido, a pesquisa com Jogos Teatrais, principalmente pelo contexto dessa turma em questão, por sua necessidade de diálogo e socialização entre os alunos.

A partir dessas informações decidiu-se desenvolver uma pesquisa de campo no intuito de observar como os participantes se comportam no ambiente escolar registrando os dados e informações em cadernos de notas e diários, bem como, considerando a produção de protocolos e questionários por parte dos alunos. A partir da análise deste material, com base na fundamentação teórica, foi feita a interpretação dessas informações, para melhor estabelecer uma observação do objeto de estudo.

De acordo com estudos teóricos, considerando as relações com a experiência além dos estudos e experimentos desenvolvidos por pesquisadores da área do teatro e da educação, a proposta desta pesquisa é experimentar a prática dos Jogos Teatrais como recursos que contribuem para a espontaneidade, a improvisação, o rompimento do isolamento, o confronto de ideias, a comunicação, a socialização e uso interativo

¹ Segundo Ricardo Ottoni Vaz Japiassu no livro Metodologia de Ensino do Teatro (2008, p.87): Conceito cotidiano de jogo (atividade lúdica com regras explícitas).

dos elementos de linguagem teatral permitindo a iniciação teatral no Estágio II, que foi nossa fonte de dados e experiências.

Na Revisão de Literatura, os autores através de pesquisas e metodologias desenvolvidas para este público alvo, em ambientes de ensino formal, definem o Jogo Teatral como conteúdo, bem como, abordam uma breve análise sobre *Jogos Teatrais e Método Pedagógico* como guia e contribuição para as ideias da pesquisa, pois contém elementos de fundamentação metodológica pedagógica para a docência, assim busca-se explicar e compreender o objeto de estudo. Nas perspectivas dos autores, antecipa-se que os Jogos Teatrais ampliam a visão de mundo, pois a arte em si é transformadora, e o teatro e seus jogos impulsionam uma nova forma de ver. Neste sentido, o trabalho buscou verificar como isso se dá na prática e quais foram as particularidades encontradas.

A escolha metodológica, pelas características sistêmicas da escola (ou seja, relações sociais, inter-relações entre os alunos e ambientais características estruturais do arranjo físico), fundamentou-se nas práticas na metodologia pedagógica para o ensino de teatro expostos nos trabalhos do Professor Doutor: Ricardo Ottoni Vaz Japiassu e Viola Spolin. Essas referências permitiram compreender as possibilidades e eficiência dos Jogos Teatrais como conteúdo no contexto do estágio, mas também aquilo que precisou ser modificado.

Ao longo da exposição deste trabalho poderá se perceber através dos relatos, protocolos, entrevistas que o estudo percorreu caminhos necessários à compreensão do contexto sistêmico e organizacional que envolve a elaboração e a realização das atividades de aulas para o estágio com o conteúdo de Teatro para Ensino Médio. Considerou-se na prática do estágio e no desenvolvimento da pesquisa quais seriam as adequações necessárias para a realidade do local: considerando desde detalhes físicos, as dimensões da sala até a prática pedagógica dos jogos no processo de iniciação; e ainda algumas importantes características individuais dos participantes, em número de 36 pessoas envolvidas nas atividades planejadas com a intervenção pedagógica dos Jogos Teatrais.

Dessa forma descreveram-se as interligações transcorridas no processo de aplicabilidade prática deste contexto metodológico de ensino-aprendizagem. Neste sentido, as relações docentes (captar e manter a atenção e o interesse dos estudantes adaptando os jogos de acordo com o ambiente e as dificuldades dos alunos; a interpretação mais adequada possível para o entendimento das diferenças individuais)

estabelecidas com a turma, na prática de estágio, serviram ao mesmo tempo como momento de reflexão coletiva e como oportunidade para a experiência de uma pesquisa de campo que permitiu avaliar as propostas estabelecidas na literatura especializada.

Após esta etapa descrevem-se as considerações finais como desfecho para a análise do assunto discutido, e suas inter-relações durante a pesquisa.

2 JUSTIFICATIVA

Quem deseja intensamente, no interesse do contato com a Arte, pode proporcionar fortes experiências nas relações (Sociais – afeto, companheirismo; Educativas – aprendizagem, conhecimento) no existir das pessoas, ao menos assim o foi para mim, nas minhas próprias experiências em relação ao teatro e aos Jogos Teatrais, como conteúdo.

Este trabalho se inspira em sorrisos, palavras, sentimentos, olhares, ações, toques e pensamentos que buscam atingir um ponto de tangência nestes registros.

Mas que vigoram tanto quanto possível nas experiências de propor uma pesquisa baseada na prática de jogos, como forma lúdica de aprender, que nos leva a reflexão de maneira participativa e divertida, que traz ludicidade e prazer para o ambiente escolar.

Ao longo da formação no ensino básico deste pesquisador, todo realizado em escola pública, o ensino de teatro esteve praticamente ausente, exceto por algumas experiências conforme relatadas a seguir, normalmente o ensino de arte se resumia a desenhos, colagens e pinturas.

No entanto, a primeira e marcante experiência com essa linguagem da arte se deu no primário, tinha 10 anos quando um professor de religião montou uma pequena encenação na escola. Quando desenvolvia algumas práticas com Jogos Teatrais, principalmente para o trabalho com a comunicação verbal e a relação palco-plateia. A peça falava da Paixão de Cristo em que o autor interpretou um soldado romano. O contato foi tão impactante, que se pensou nos Jogos Teatrais que envolveram essa peça de teatro durante muito tempo.

Quando houve a oportunidade para estudar o Teatro de forma Acadêmica, o que se fez e ainda é feito com um intenso contato com variadas categorias de Jogos Teatrais (de movimento rítmico, sensoriais, estímulos múltiplos, caminhada no espaço, etc.). Procurou-se entender em termos práticos as relações de operacionalidade com seus elementos (foco, instrução e avaliação coletiva), que lhe dão dinamismo a partir de autores estudados (SPOLIN, 2008; JAPIASSU, 2008). Neste sentido o foco, é a mola propulsora do jogo, a instrução nos leva ao foco e a avaliação é a observação de como solucionamos os problemas para chegar ao foco. Além disso, apresentam-se nos seus aspectos de relação cênica *onde, quem e o que,*

uma possível configuração de exploração do ambiente, do lugar, do cenário; do personagem, dos relacionamentos; das atividades e das ações.

Os elementos (foco, instrução e avaliação coletiva), e os aspectos (onde, quem e o que) podem ser experienciados nos Jogos Teatrais e serem adaptados de acordo com as situações do ambiente. Ao observar as dificuldades dos alunos, como falar em público, melhorar a improvisação, ou mesmo ter melhor interação com o colega de cena por exemplo. No decorrer do desenvolvimento prático dos elementos do Jogo Teatral, realizam-se adaptações com base nessas dificuldades.

O docente pode utilizar a análise das dificuldades, para articular os aspectos e elementos do jogo de acordo com as necessidades de aprendizagem dos alunos. Potencial esse que se observou nos estudos e práticas em sala de aula, com o conteúdo Jogos Teatrais. Por exemplo, alunos com dificuldade de falar em público acabam durante as avaliações coletivas dos jogos, sendo estimulados a esporem suas linhas de pensamento, ideias, percepções, observações dos jogos à medida que o docente vai transmitindo procedimentos de análise, na etapa de avaliação coletiva, mantendo nessa situação uma relação palco/plateia.

Pensou-se então que seria muito importante no estágio permitir a oportunidade do trabalho com este conteúdo – Jogos Teatrais, para os alunos. Porque se percebeu, ao longo do tempo, essa importância do Jogo para o desenvolvimento pessoal.

Isto leva a construir a imagem de semear essa semente de amor ao teatro, a partir de sementes que se colhe e que se planta, impulsionando-se este sentimento, este ciclo de produzir novas sementes, para produzir novos frutos de amor à arte.

Dessa forma, ao realizar o estágio, considerou-se que a escola como instituição que impulsiona o pensamento, a convivência é um importante ambiente de aprendizagem das linguagens da arte. Em relação ao teatro, como salienta Reverbel (1997, p.168): “É preciso lutar para que o teatro tenha seu lugar na Educação, porque se ela existe na sociedade, deve existir na escola”. Assim, a escola pode ser um palco elucidativo para práticas de Jogos Teatrais, por ser um conteúdo envolvente e dinâmico,

No Ensino Médio, a escola enquanto estimuladora de ações, pensamentos, questionamentos e sentimentos, auxilia o adolescente a procurar suas respostas para conhecer a si mesmo, entender seus conflitos e analisar o mundo ao seu redor. O aluno está desfazendo vínculos, procurando autonomia, se individualizando e buscando identificação nas afinidades de grupos.

O teatro na escola, com o apoio dos Jogos Teatrais, é importante conteúdo para desenvolvimento comportamental do estudante desta faixa etária. Segundo a teoria apresentada pela pesquisadora Reverbel (1979), por intermédio da encenação e do Jogo Teatral se colabora para o estímulo do aluno na comunidade escolar, pois este gera uma ampliação da natureza cultural, reflexiva e artística, o que proporciona um ser mais consciente de suas habilidades e competências.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A priori, observa-se que o pensar em escola/educação, remete ao teatro como forma de transmitir conhecimentos, suas técnicas presentes no conteúdo Jogos Teatrais proporcionam elementos para contribuição tanto em dimensões de socialização e integração como de aporte cultural e pessoal. A autora Bandeira (2015, p. 101), nesta ponderação afirma que:

A educação é um processo contínuo e dinâmico, na vida de todo ser humano. Permite a transmissão de experiências e conhecimentos através do tempo e é resultante de toda ação consciente, ou não, dos sujeitos que vivem dentro de determinado meio social. Ela pode se dar de maneira formal ou informal. Vista sob o aspecto formal tem como objetivo o desenvolvimento das potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais dos educandos na perspectiva de intervenção na sociedade em que vivem.

Percebe-se que os Jogos Teatrais estimulam o pensar no contínuo processo de ensino-aprendizagem, tendo como possível relação o envolvimento do estudante nos seus questionamentos.

Paulo Freire, importante estudioso da educação, cujas contribuições foram vitais para a estruturação de um método pedagógico libertador e de estímulo a conscientização, falava do teatro na educação quando a partir da segunda metade do século passado, estimula a utilização do teatro em seus conteúdos, no meio pedagógico, destacando-o como parte essencial de um princípio educacional (SERPA, 2015).

Confirmando essa ideia do trabalho do teatro na educação, esta pesquisa, busca base nos Jogos Teatrais como conteúdo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio, pois, a partir das pesquisas desenvolvidas e explicitadas na literatura considera-se que o Jogo Teatral possibilita essa contribuição na formação do aluno, bem como a livre expressão no refletir, principalmente por suas características lúdicas. Desta forma, conforme afirma Oliveira (2015, p. 39): “Por conta de seu caráter lúdico e a propositura do estado de jogo, torna-se um elo fundamental nos processos de ensino-aprendizagem dos indivíduos”.

Dessa maneira procurou-se na experiência do estágio se desenvolver um espaço de estudo do conteúdo Jogos Teatrais.

Os Jogos Teatrais basicamente constituem desafios (problemas cênicos de atuação), apresentados aos jogadores, na forma de jogos com regras (SPOLIN, 2012).

Os Jogos Teatrais são utilizados para o aprimoramento do ensino de teatro no estímulo ao lúdico, à reflexão, e ao pensamento, pois como diz Spolin (1963, p. 3): “Se o ambiente permitir pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que tem para ensinar”.

Com base em um princípio do Jogo Teatral, que segundo Ricardo Japiassu é a ação comunicativa que surge naturalmente na busca de soluções cênicas; com os Jogos Teatrais, os alunos se colocam em condição de simulação, que abrange seus pensamentos, emoções, conexões, ações, conceitos. Dessa forma Japiassu (2008, p. 26) explica que:

A finalidade do Jogo Teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. O princípio do Jogo Teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação.

Para este autor, a prática do teatro, no contexto do Jogo Teatral, estimula as experiências que promovem a visão de mundo, instigando a tomada de consciência do coletivo e do cultural, o que permite que as ações propostas nos jogos estimulem o aluno para que se posicione de maneira ativa ou crítica durante a aprendizagem.

O Jogo pode se adequar à necessidade da situação em sala de aula, como elemento de aprendizado e ferramenta pedagógica para um conteúdo de aula, para assim proporcionar a experimentação, a exploração, o desenvolvimento perceptível, sensível e emocional das relações (sociais e educativas) dos alunos.

Confirmando essa ideia encontraram-se autores que pesquisaram atividades com Jogos Teatrais como conteúdo da prática teatral na disciplina de artes do Ensino Médio e que produziram diferentes propostas, com foco na experiência, que são eles: Andrade (2006), Camelo (2015), Fabi (2013) e Faria (2002).

Cabe-se salientar seus argumentos, porque suas pesquisas foram com o mesmo público alvo (adolescentes), nesta temática (conteúdo Jogos Teatrais), nesta etapa do Ensino Médio.

Andrade (2006) procurou descrever e analisar práticas teatrais ministradas em sala de aula em sua dissertação de mestrado intitulada Práticas teatrais no Ensino Médio. A autora observou por um período de dez anos alunos que por opção estudavam as linguagens da arte no colégio de Ensino Médio Manoel Novaes na cidade de Salvador, Bahia. A partir disso sugeriu a integração da educação e do teatro, com ênfase ao teatro instrumental (gesto e som são as mesmas ações) e aos projetos interdisciplinares e também apreciações culturais (espetáculos, exposições e concertos).

Elencou conteúdos basilares (explorações com corpo, voz, palavra escrita/falada, textos dramáticos, Jogos Teatrais, mascaras, e bonecos) como os mais importantes a serem trabalhados para a instrução do teatro no Ensino Médio. Relatou que pesquisas, com base no conteúdo Jogos Teatrais, como as de Viola Spolin fornecem um importante suporte ao teatro contemporâneo para a construção do conhecimento cênico.

Dentre as suas observações, Andrade (2006, p. 51) descreve a análise do Jogo Teatral como conteúdo no Ensino Médio, quando ela salienta:

JOGOS & IMPROVISAÇÕES: por ser a forma mais espontânea do fazer teatral é a que permite maior liberdade para o aluno-intérprete entrosar-se com os elementos básicos do teatro como corpo, voz e texto, além de espaço cênico, personagem e ação. Visam desenvolver a sensibilização, a socialização, a auto-expressão e a imaginação e podem ser utilizados em jogos corporais e vocais de aquecimento, integração, imitação, descontração, concentração ou relaxamento com improvisações livres, conduzidas ou planejadas, criação de pequenas cenas, jogos dramáticos e teatrais, construção de cenas e criação coletiva através da elaboração e organização das cenas para apresentação, ou não, para alunos de fora ou do próprio grupo.

No contexto da observação desta autora, o papel dos Jogos Teatrais para o Ensino Médio, por ser uma forma espontânea do fazer teatral torna-se estimulante e interativo no trabalho como conteúdo de ensino. Sendo de grande relevância, pela observação pormenorizada de como os Jogos Teatrais se comportam na escola.

Reforçando essa ideia, a dissertação de mestrado, Práticas teatrais no Ensino Médio, de Camelo (2015) retrata como os Jogos Teatrais, como conteúdo no Ensino Médio, podem auxiliar o adolescente na transformação de si, com foco no desenvolvimento do sujeito. Manifestando a necessidade de análise da arte, com

atenção na transmissão de ideias e emoções, como importante exercício do livre pensar.

Sua pesquisa investiga a potência destes Jogos para autonomia crítica desse público alvo (adolescentes) quando explora suas posições, ora como observador, ora como ator, com a ideia de levar a expectativa de análise para a vida cotidiana. Por meio do estudo dessa autora, esta pesquisa, reforça-se na investigação dos Jogos Teatrais como conteúdo, quando propõe a análise dos elementos (dificuldades) da vida real dos alunos buscando uma transformação social do adolescente nas relações com as pessoas e o ambiente ao seu redor.

Também encontrou-se na monografia, Jogos Teatrais e as possibilidades de ação e interação com e entre estudantes de Ensino Médio, da autora Fabi (2013) uma intensa afinidade com este estudo, quanto ao trabalho com os Jogos Teatrais para a interação entre os estudantes.

A ideia do trabalho com as possíveis interações, são confirmadas dentro do contexto deste estudo, pela possibilidade de escolhas dentro das necessidades e dificuldades da realidade dos alunos, para o foco na experiência. Nesse sentido Fabi (2013, p. 04) descreve ainda:

Com os Jogos Teatrais, o aluno brinca, joga, cria, imagina, desenvolvendo dessa forma a criatividade e a imaginação. Interage, socializa, se arrisca, propõe novas soluções. Durante os exercícios de improvisação, são trabalhados o raciocínio e a criatividade. As relações são potencializadas, a escuta ao outro é requisitada, os jogadores trabalham o olhar, pois no Jogo Teatral o corpo todo age. Há uma interação corpo/pensamento. O corpo como parte integrante age, ação mediada pelo pensamento, potência de ação. O corpo passa do estado de inércia ao estado de atenção e ação. O corpo é presença. Desenvolver a percepção da presença cênica aliada ao olhar, a respiração e a voz é aprimorar a consciência plena, um dos objetivos que buscamos.

Nesta concepção, os Jogos Teatrais são um conteúdo facilitador para o trabalho com as dificuldades apresentadas pelo aluno, sendo um aporte de como resolver essas dificuldades ao trabalhar estímulos imediatos dentro de uma ação criadora.

Nesta linha de raciocínio Faria (2002) dá mais substância ao contexto desta pesquisa de campo, pois em sua dissertação de mestrado, Contar histórias com o Jogo Teatral, a autora escreve a investigação das atividades com Jogos Teatrais como conteúdos para estudantes do Ensino Médio com a finalidade de propor

reflexões e contribuição para os professores. Sua proposta também se alicerça na sistematização sugerida por Viola Spolin (principalmente por suas relações no entendimento do jogo como meio de aprendizado, para que os alunos se tornem mais conhecedores de si mesmo). O conhecimento definido pelo Jogo Teatral determina uma gama de informações da linguagem teatral ao aluno impulsionando a percepção da sociedade e de si próprio.

Para Faria (2002), na experiência com o grupo de alunos, é a própria sistematização de Viola Spolin (os Jogos Teatrais são organizados por categorias, com um passo a passo para a sua utilização de acordo com a situação) que pressupõe um conteúdo de trabalho na exploração do eixo de operacionalização em seus elementos e estrutura de relação cênica. Nesta característica de interligação prática, observa-se a riqueza da proposta de Spolin, de como os Jogos podem ajudar o ensino de teatro aos adolescentes.

O jogador realiza práticas impulsionadas pela sua própria ação, auto-estimulando a educação para investigar maneiras de trabalho na experiência do Jogo Teatral. Essa relação de trabalho vai ao encontro com esta pesquisa no fato de procurar estudar e compreender este objeto de estudo (Jogo Teatral), na forma de sua experiência para a aprendizagem dos adolescentes no Ensino Médio.

Com os suportes desses pesquisadores, no desdobramento dos argumentos de suas pesquisas, observou-se a importância dos trabalhos com Jogos Teatrais desenvolvidos por autores como Ricardo Japiassu, Viola Spolin, Augusto Boal e Olga Reverbel. Optou-se pela metodologia do autor Ricardo Japiassu para organizar as sessões de aulas (como meio para a realização das aulas) e Viola Spolin através da sistematização de Jogos Teatrais para a prática pedagógica (desenvolvimento dos jogos), pois foi a forma de estruturação que mais se adequou com a realidade prática do contexto das aulas dessa pesquisa de campo.

Spolin e Japiassu constituíram-se nos principais arcabouços deste trabalho, que nos fazem ponderar sobre um sucinto panorama para se pensar em ensino de acordo com o contexto deste meio escolar.

De acordo com Spolin (2008), pelo contato o jogador ganha liberdade dentro dos pontos constituídos (linguagem, caminhada no espaço, consciência física e movimento, etc.) criando técnicas pessoais, transformando-se em um ser criativo. A problemática é o objeto do jogo, as regras incluem a estrutura – “onde”, “quem”, “o que”, o foco e o acordo do grupo. Sendo assim, a aplicabilidade dessa metodologia

apresenta como elementos de partida, termos que limitam a situação teatral: o *quem* (papel), o *que* (a ação), o *onde* (cenário); e o próprio *foco* como escopo. Importante salientar o intenso aporte desse método para o ensino teatral, pois o participante se torna artífice na sua educação no procedimento do exercício teatral, experienciando os elementos do palco, no momento que se envolve com o ambiente cênico.

Nas palavras de Japiassu (2008), Spolin sistematizou procedimentos metodológicos para o trabalho pedagógico do teatro na educação através dos Jogos Teatrais. A operacionalização de seu sistema se dá pelo foco, *instrução*, *plateia*, e *avaliação* coletiva, com elementos baseados em um sistema de *regras*. Ao qual articula nesta relação termos teatrais que limitam a situação teatral (onde - cenário, o que – ação de cena, quem – personagem). Os jogadores, envolvidos com a estrutura e centrados na resolução dos problemas, para alcançar os objetivos propostos nos jogos vão deixando seus comportamentos mecânicos, suas emoções, seus estereótipos, e adentram no contexto do palco.

Com isso, observa-se que Japiassu, define que o processo de Viola Spolin, é um procedimento extremamente eficaz para o ensino do teatro educação, devido às práticas pedagógicas teatrais contidas no contexto de sua estrutura de trabalho, pois como menciona Spolin (2008, p.20), “Todos podem jogar! Todos podem aprender por meio do jogo”. Nestas perspectivas os estudantes têm a oportunidade de explorar diversas situações e de buscar as possibilidades de soluções para os problemas localizados nos Jogos Teatrais.

Neste estudo, Japiassu, através do relato de sua experiência na atividade pedagógica teatral, exposta no livro “Metodologia do Ensino de Teatro” (2008) acompanha e discute o ensino regular de Teatro, cujos procedimentos de ensino foram interligados ao sistema proposto por Viola Spolin. Indo ao encontro dessa pesquisa, em que apresentou um forte aporte às necessidades práticas de planejamento das sessões de aulas.

Sendo assim, segundo as afirmações de Japiassu (2008, p. 71), o planejamento das aulas, serve para nortear as atividades, no ensino teatral, para tanto é direcionado uma espécie de ritual elencado a seguir:

As aulas de teatro ou sessões com Jogos Teatrais propostas aqui tendem a seguir uma determinada rotina, uma espécie de ritual:

- 1) Formação do círculo de discussão;
- 2) Divisão do grupo em equipes;

- 3) Prática de jogos tradicionais, nos quais podem ser destacados aspectos originais de teatralidade;
- 4) Avaliação coletiva, imediatamente após a apresentação de cada uma das equipes na área de jogo;
- 5) Prática de Jogos Teatrais propriamente ditos – direcionados para a apropriação de conceitos teatrais muito precisos;
- 6) Avaliação coletiva ao fim das atividades desenvolvidas durante a sessão de trabalho, retomando-se o círculo de discussão.

É importante salientar que a questão de um possível detalhamento das sessões de aulas letivas em um período de atividades escolares efetivas, serve para uma melhor organização estrutural das sessões de aula.

Desta maneira, como diz Japiassu (2008) inicialmente após a auto apresentação em círculo, o professor define a matéria, disciplina de teatro e a metodologia de ensino, neste evento, Jogos Teatrais; Frisa-se a importância da utilização do traje adequado para as aulas e a responsabilidade dos horários de acordo com a necessidade; O modo organizacional dos alunos é experienciado com a formação de um círculo de discussões entre todos, bem como a utilização de um sistema de avaliações coletivas entre os jogadores articulados com a divisão da turma em equipes, essencialmente quando houver um grande número de alunos.

Com a utilização dessa descrição de Japiassu, estruturou-se um modelo para a organização das sessões de aulas, conforme relato na sequência deste trabalho, que desenvolveu-se durante o Estágio II, por ser um passo a passo na rotina diária dos planejamentos dessas aulas, que iam das 16 às 18 horas.

4 A BUSCA DE RESPOSTAS

Destacam-se algumas palavras, da composição musical descrita na epígrafe deste trabalho, “Não sei por que insisto; Em querer buscar resposta [...]” (LETRAS, 2019, l.1-2), pois considera-se que articulam-se aos pensamentos, na procura de respostas envolvendo a prática das aulas nesta escola e suas reflexões no foco da experiência.

Estas palavras reverberam naquilo que o contato com adolescentes em sala de aula mostra: a diversidade de condições e as características do desenvolvimento destes jovens nesta fase da vida.

Evidentemente, como adulto, as próprias experiências de vida do autor permitem identificar-se com alguns destes jovens observados nas atividades. Entretanto, a busca de uma resposta, de uma forma, para que se pudesse dialogar com eles em sala de aula exigiu que se procurasse estratégias e, conforme a literatura de Japiassu orientou, os Jogos Teatrais foram essa estratégia para um permanente diálogo da teoria e a prática em sala de aula.

Estes elementos que se seguirão foram produzidos com a observação da turma e de seu comportamento na escola registrando os dados em cadernos de notas e na produção de protocolos e questionários por parte dos alunos. A partir da análise desse material, com base na fundamentação teórica, foi feita a interpretação das informações.

Serão apresentados como os elementos deste trabalho fundamentados no conteúdo Jogos Teatrais praticados e analisados pelos autores que são citados nesta pesquisa, se inter-relacionaram na realidade de campo, em que a prática precedeu a análise da experiência desenvolvida. Ou seja, ainda que existisse o referencial de pesquisadores que já sistematizaram os Jogos Teatrais e os aplicaram no Ensino Médio, a observação empírica do próprio contexto contribui para compreender-se como de fato os Jogos Teatrais cooperaram no desenvolvimento das potencialidades destes jovens.

Descreve-se o palco da pesquisa de campo:

- Os alunos adolescentes;
- O ambiente físico dessa pesquisa;
- A instituição escolar;

- As interligações metodológicas e pedagógicas propostas.

4.1 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA DE CAMPO

4.1.1 Onde, quem, e o quê

A partir da sugestão operacional de Viola Spolin (2008): “ONDE” (lugar), “QUEM” (personagem), “O QUE” (exercícios), procuram-se extrair dados e informações, para fazer compreender a realidade do objeto de estudo, ou seja, os resultados da prática dos Jogos Teatrais. Com a finalidade de orientar o leitor, convido-o a entrar neste Jogo.

4.1.1.1 Onde: ambiente, lugar, cenário

Constatou-se que a Escola Estadual de Ensino Médio Maria Rocha (Figura 1), em 1979, passou a oferecer o então o segundo grau, hoje Ensino Médio. Com aulas nos três turnos, o número total de alunos era de 1110, 103 professores e 14 funcionários. A estrutura física era relativamente bem organizada.

Figura 1 - Fachada da Escola Estadual de Ensino Médio, ambiente da análise e interpretação da pesquisa de campo



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019)

O primeiro contato com a escola “(ONDE-lugar)”, localizada na região central de Santa Maria – R/S foi por meio de uma visita de reconhecimento, em que foi agendada uma reunião pedagógica.

Durante essa reunião o responsável pela coordenação desse encontro entre outros assuntos, passou alertas sobre alguns estudantes, como por exemplo: alunos com tendências suicidas, problemas depressivos e/ou disciplinares, recomendações dos pais, etc.

Observou-se certo grau de felicidade da professora de artes, quando se definiu a turma de estágio, talvez por ser mais uma ajuda na prática em sala de aula. A turma possuía alguns estudantes com salientes problemas nas suas relações: uma aluna que havia sido muito maltratada pelo padrasto, tinha fortes crises depressivas, nessa situação houve orientações para se ter o maior cuidado possível. Durante a reunião pedagógica eram repassadas orientações que alguns pais solicitavam, sobre os cuidados com certos alunos.

Assim, foi preciso uma estratégia de ação nas lides com a referida aluna, combinou-se que a mesma participaria das ações com jogos quando se sentisse à vontade e que poderia ficar observando e anotando suas ideias.

Outro aluno, segundo suas próprias palavras, não gostava de interagir com pessoas, fato esse que se demonstrou quando ele conversava somente o essencial com os colegas, bem como seu isolamento nos períodos de recreio. A estratégia neste caso, que teve sucesso, foi solicitar a sua ajuda como monitor junto às atividades, para mantê-lo em contato com os alunos e envolvido na organização e auxílio aos grupos.

De acordo com as palavras da pesquisadora de Teatro na educação Bandeira (2015, p. 107), é possível elucidar que:

A escola é um ambiente propício para que a criança, o jovem ou o adulto desenvolvam sua capacidade sensível, emocional, cognitiva e perceptiva diante do mundo e possam vir a ser indivíduos mais críticos, mais justos, mais democráticos, enfim, mais humanos. E o teatro na nossa concepção é a ferramenta mais apropriada para inserir qualquer temática de maneira prazerosa no ensino. Desconhecemos em nossa vivência, uma experiência teatral bem conduzida, que não provoque o interesse de crianças e jovens.

Confirmando essa ideia, a escola, quando pensar nos procedimentos envolvendo interligações comportamentais juntos aos alunos, o fazer de forma efetiva

para despertar concretamente o interesse do estudante, por ser um local que estimula a reflexão e a cidadania. O que se fez na prática das aulas com os alunos ditos “problemáticos”, conforme o relato acima. Neste sentido, o conteúdo Jogo Teatral torna-se uma forma afável para incentivar o educando a escolha do seu próprio caminho ao futuro, e o trato nas suas relações.

A instituição estava passando (como todas as escolas do estado ainda hoje) por problemas com questões econômicas dos professores, devido à falta de pagamento em dia e o parcelamento dos salários dos servidores.

A população do bairro era de classe média, sem muita relação entre as pessoas. Observou-se um quadro de isolamento gerando uma falta de interação, entre os alunos da turma do estágio, por seus subgrupos bem definidos.

4.1.1.2 Quem: personagem ou relacionamento

Os protagonistas desta história (Figura 2), os principais “QUEM - personagens” foram 35 adolescentes em uma faixa etária de 15 anos; alunos do primeiro ano do turno da tarde.

Figura 2 - Tuma do primeiro ano do Ensino Médio, personagens da pesquisa na relação com a experiência



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019)

Definiu-se a turma com a decisão conjunta da coordenadora pedagógica e da professora de artes.

Com este estudo gerou-se distintas perspectivas para o trabalho desse autor como docente, pelas possíveis necessidades de adaptações dos jogos de acordo com o ambiente e as dificuldades dos alunos, principalmente quando o jogo não foi desenvolvido pelos estudantes; bem como a interpretação mais adequada possível para o entendimento das características individuais de cada um e a melhor forma de como trabalhar com tudo isso na realidade da prática.

No dia da primeira aula, que seriam nos dois últimos períodos das sextas-feiras, houve a condução à sala pela professora de Artes, onde os alunos foram apresentados, comentando: *Este é o estagiário de teatro, e irá dar aulas para vocês (L.D)*². Retirando-se em seguida com a professora de Biologia que estava na aula.

A turma não mostrou muito interesse, alguns alunos comentaram:

“Eu não vou me apresentar; Eu não quero fazer nenhuma peça; Pra que isso agora”.

Respondeu-se falando que não seria feita peça alguma, a proposta era uma pesquisa com conteúdo de Jogos Teatrais. E comentou-se que era uma boa oportunidade de aprendizagem juntos e de compartilhar experiências.

Um dos alunos da turma morava nas proximidades, e sua falta de interação, tendendo ao isolamento revelou-se após a prática a seguir:

Parte do todo – interação, Jogo da Trapaça (A11).

Descrição: Faça a contagem em grupos grandes (dez jogadores ou mais). Cada grupo entra em acordo sobre o tipo de bola no espaço. Os jogadores em pé no círculo procuram acertar um jogador que está no centro com a bola. Se o jogador no centro for atingido, ele troca de lugar com o jogador que arremessou (SPOLIN, 2008).

A falta de envolvimento com esse aluno junto aos demais impulsionou um desinteresse coletivo, em que o jogo em certo limite não desenvolveu mais.

² Professora de Artes da escola.

A discussão coletiva após essa prática deixou bem claro que existiam grupos bem definidos, sem muita interação entre eles, causando desconforto em alguns participantes que deixaram a roda de conversa.

Procurou-se estimular os alunos, solicitando que dessem sugestões sobre outras formas para realizar-se esse jogo, na realidade para que confrontassem suas ideias através do compartilhamento de suas opiniões, e como estímulo ao diálogo, já como estratégia para que melhor se integrassem de forma gradativa, visando um rompimento do isolamento.

Salienta-se neste enfoque, que o diálogo é imprescindível ao rompimento do isolamento e ao estímulo do confronto de ideias. Para tanto, ampara-se nas palavras de Freire (1967, p. 3):

Ora, para que este diálogo seja possível são necessárias duas condições. Primeiro, que as palavras não sejam ocas. Que não esconda com o verbalismo o vazio do pensamento; com o formalismo, a mentira da incompetência; e com o beletismo, o cinismo da descrença tão característico das elites do poder. A autenticidade na fala implica a crítica radical de uma situação aparentemente democrática. Ao contrário, o cristão militante que é Paulo Freire se permite falar em liberdade, em democracia ou em justiça, porque crê nestas palavras e no seu poder libertador na medida em que encarnam a sua fé inteira, com todas as suas consequências até as mais concretas. Só então a palavra em vez de ser veículo das ideologias alienantes e/ou de uma cultura ociosa tornar-se-á geradora, isto é, o instrumento de uma transformação global do homem e da sociedade.

Assim, o diálogo é uma acepção de extrema importância desenvolvida pelo Jogo Teatral com o ambiente; consigo mesmo e com o outro, pois o poder intenso da palavra edifica o conhecimento. Conforme aponta Spolin (2012, p. 29):

[..] Jogos Teatrais são úteis ao desenvolver a habilidade dos alunos em comunicar-se por meio do discurso e da escrita, e de formas não verbais. São fontes de energia que ajudam os alunos a aprimorar habilidades de concentração, resolução de problemas e interação em grupo.

Nesse sentido, destaca-se que a comunicação verbal, bem como a percepção do mundo ao nosso redor, o rompimento do isolamento, e o confronto de ideias são assim impulsionados intensamente pela experimentação do conteúdo Jogo Teatral.

Neste contexto, salienta-se que a experiência se dá pela proporção das intensas buscas, “o valor primeiro da arte reside na contribuição única que traz para a experiência individual e para a compreensão do homem” (KOUDELA, 1984, p.17- 8).

Observa-se então, que se aprende e adquire experiência com as relações do ambiente e as interações com as pessoas.

Houve muita estimulação pelo contexto de trabalho junto a pessoas (adolescentes) que estão querendo se reafirmar em novos grupos com outros comportamentos. Assim, como expõem Aguiar, Bock e Ozella (2001, p. 20) no livro “Adolescências construídas”:

Entender a adolescência como constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas dos grupos sociais e olhar e compreender suas características como características que vão se constituindo no processo [...] Os modelos estarão sendo transmitidos nas relações sociais.

Alguns adolescentes falavam mais do que o necessário, outros eram distraídos, outros quietos, conversam em geral sobre relações sociais, música e meios digitais. Tratava-se de uma turma que se dividia em pequenos grupos, sem muita interação entre as coletividades.

No contexto da turma de adolescentes, durante a prática das atividades de aula observou-se um ponto positivo relacionado à melhoria no rompimento do isolamento, e ao confronto de ideias. Esse ponto positivo fica refletido no relato de uma aluna, na descrição de um protocolo, quando argumenta: *“com as aulas fiz mais amigos, e conversei com colegas que nunca havia falado, até minha mãe me achou mais descontraída” (J.R.M)*³.

Dessa turma de 35 alunos, alguns demonstraram notadamente problemas quanto à improvisação. Essa informação foi revelada explicitamente após o jogo a seguir:

Quem iniciou o movimento (A13).

Descrição: Os jogadores permanecem em círculo. Um jogador sai da sala enquanto os outros escolhem alguém para ser o líder, que inicia os movimentos. O jogador que saiu é chamado de volta, vai para o centro do círculo e tenta descobrir o iniciador dos movimentos. O líder pode mudar de movimentos a qualquer momento. Quando o jogador do centro descobrir o iniciador, dois outros jogadores são escolhidos para assumir seus lugares (SPOLIN, 2008).

³ Declaração escrita em protocolo de avaliação das aulas. Aluna JRM.

Alguns estudantes questionaram movimentos realizados em certos momentos pelos líderes, além de se queixar da dificuldade de descobrir o iniciador de movimentos. Durante o compartilhamento da experiência, aconteceram algumas exaltações e momentos de ultraje.

Após esse fato, como estratégia de adaptação a essa dificuldade, sugeriu-se aos alunos que se posicionassem em círculo, fechassem os olhos, posicionassem os braços paralelos as pernas e procurassem livrar a cabeça de todo e qualquer pensamento. Então foi proposto um exercício de relaxamento geral: deixar o corpo cair como um pêndulo e expirando, em seguida realizando-se uma rotação da cabeça e ombros e na sequência espreguiçar o corpo tentando-se chegar com as mãos no teto (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO PARANÁ, 2014).

As estratégias de adaptações, para o trabalho com as dificuldades vão sendo implementadas com o estudo do teatro, suas técnicas e o conteúdo Jogos Teatrais, assim se valem de variadas formas de conexão gerando uma clareza nos relacionamentos entre os alunos, como importante forma de interação para a improvisação, expressão e comunicação.

Cabendo neste contexto as palavras de Japiassu (2014, p. 22): “[...] o teatro passou a ser reconhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana”.

Estas dificuldades e características das interligações do grupo que foram surgindo durante as aulas e seu comportamento no ambiente escolar, tornaram-se norteadoras da pesquisa em questão. Essas circunstâncias dão o impulso para procurar-se alternativas estratégicas dentro das técnicas e conteúdos dos Jogos Teatrais, que vão reforçando a ideia de dar a esses adolescentes conhecimentos, para lidar com essas particularidades nos seus envolvimento.

Seguindo a contextualização desse trabalho, será abordado a seguir, o “O QUE” - ação de cena, atividade, dentro dessa pesquisa de campo.

4.1.1.3 O que: ação de cena, atividade

Para a prática da pesquisa, informou-se à escola que a intenção era trabalhar com o conteúdo Jogos Teatrais e não montar uma apresentação, pois neste momento estar-se-ia estudando a iniciação da linguagem teatral.

A escolha dos jogos se daria pela necessidade de se trabalhar cada possível elemento de linguagem teatral num contexto de aprendizado (tempo, voz, ritmo, comunicação verbal, etc.) a seu tempo. Mas, além disso, escolheu-se e adaptaram-se os Jogos Teatrais pelas dificuldades, características sociais (envolvimento entre eles) e psicológicas (relacionadas aos comportamentos) da turma – como, por exemplo, falta de interação, tribulação no diálogo, tendência ao isolamento, dificuldades na socialização e na improvisação.

A turma de adolescentes que interagiram nesta pesquisa apresentavam certa dificuldade no trabalho com a improvisação e a espontaneidade. Procurou-se resolver essa situação, com o exemplo de uma implementação do jogo de nome câmera lenta, pegar e congelar, descrito a seguir:

Câmera lenta – pegar e congelar (A56).

Descrição: Depois de um curto período de aquecimento com pegador – pegador com explosão, um jogo de pegador com congelar é realizado em câmera muito lenta e dentro dos limites. Aponte para o primeiro pegador. Todos os jogadores devem estar correndo, respirando, agachando, olhando, rindo etc. em câmera muito lenta. Quando pegar outro jogador, o pegador deve congelar na posição exata em que estava naquele momento. O novo pegador continua em câmera lenta e congela naquela posição em que estava ao pegar um novo jogador, que se torna pegador. Todos os jogadores que ainda não foram pegos devem ficar dentro dos limites e movimentar-se em câmera lenta por entre e em torno dos jogadores congelados (como em volta de uma árvore em uma floresta). O jogo continua até que todos estejam congelados (SPOLIN, 2008).

O procedimento de implementação do jogo Câmera lenta – pegar e congelar, realizou-se em determinado momento quando se dizia: “*congela a turma*”, e dividia-se aleatoriamente os jogadores em grupos menores, passava-se um tema (convite, declaração de amor, assalto, etc.) a cada equipe formada. Então eles montavam uma

fotografia e após alguém da equipe dava um título e tentava vender a foto para os demais. Neste ponto se estimulou alguns dos adolescentes que apresentavam dificuldade no trabalho com a improvisação e a espontaneidade; com orientações do tipo: que características são importantes nessa foto para que se possa vendê-la, demonstre como ficaria bem essa foto em algum lugar.

Dessa forma, foi-se resolvendo essa situação apresentada pelos alunos, pois as escolhas foram feitas pela realidade na observação das suas dificuldades (de improvisação e espontaneidade), pontos esses que também serviram como dos norteadores desta pesquisa.

Cabe neste contexto salientar as palavras de Andrade (2006, p. 64) quando diz “[...] era perceptível que as situações trazidas para a cena refletiam claramente as circunstâncias [...] nos grupos sociais e até mesmo na escola”.

Observou-se que a dificuldade de improvisação e espontaneidade, era reflexo das próprias relações sociais, sendo algumas um tanto desconcertantes, como brincadeiras de mau gosto com atos de intimidação (como por exemplo o uso habitual e permanente de expressões como: gordo, feio, burro; ao invés de usar o nome da pessoa para chamá-la) e que geravam constrangimentos, durante o convívio dos alunos na escola.

Assim, a própria escolha da estrutura de organização das sessões de aula, foi feita de acordo com as particularidades da turma e da escola, numa relação com a experiência.

Neste ambiente, a tarefa constitui-se em um desafio, como se fosse uma analogia, nós cegos que são desatados um a um com paciência. O primeiro nó desatado foi a busca de um norte para o desenvolvimento do conteúdo com Jogos Teatrais, que buscou-se na sistematização proposta por Viola Spolin (2008), através do seu fichário como meio para a aprendizagem.

Neste fichário sistematizado, foram-se selecionados os *Jogos*, de forma adequada à situação em aula, com adaptações de acordo com as necessidades, dificuldades dos alunos que iam surgindo.

“O Fichário de Viola Spolin é um curso organizado para o professor de classes regulares que quer trazer o prazer, a disciplina e a mágica do teatro para a sala de aula” (SPOLIN, 2008, p.20).

As práticas contidas neste fichário se revelaram uma excelente opção dentro do contexto desta escola e agiam como ferramentas de ação sobre as problemáticas observadas (dificuldades dos alunos).

Com o decorrer dessas práticas, aos poucos se observou uma melhor interação entre os alunos, a partir do rompimento gradativo do isolamento, e a progressiva conexão com a espontaneidade. A improvisação, e o confronto de ideias foram muito desenvolvidas durante a etapa de avaliações coletivas dos jogos; Fatos esses que se observaram no contexto das ações da turma, de acordo com as observações (docente e discentes), como também neste momento, nas palavras de uma das alunas: - *“No início não gostava da aula, achava chato, não queria participar, mas comecei a ter mais amigos, e me divertir. Sentirei saudades”* (G.B. F). Foi com tristeza que ela relatou isso no último dia de aula. As palavras desta aluna foram ao encontro do sentido dessa pesquisa quanto à busca da conexão com a espontaneidade e o rompimento do isolamento.

Essa aluna (G.B.F), mostrava uma forte resistência em participar das atividades com os Jogos Teatrais, que por estratégia foi explicado que poderia ficar observando e participasse das atividades quando se sentisse à vontade; mesmo porque a coordenadora já havia relatado que ela possuía uma tendência depressiva por problemas familiares com o padrasto.

O rompimento do isolamento, a conexão com a espontaneidade e a improvisação neste caso, se deu, com um jogo adaptado, relatado a seguir:

Original: Caminhada cega no espaço (B51).

Descrição: Os jogadores são divididos em dois times. Um time por vez caminha atravessando o espaço da sala, sendo que cada jogador deve ocupar seu próprio espaço e respeitar o espaço do parceiro. Quando um time tiver passado pela experiência, troque as posições (SPOLIN, 2008).

Adaptação: Durante o deslocamento no espaço, eram repassadas orientações para a movimentação no espaço, com diferentes velocidades, ritmos, níveis, como se fosse um personagem (gordo, preocupado, feliz...) ou em algum ambiente específico (rua, praia, loja...).

Durante a adaptação do jogo B51, os alunos estavam se deslocando no espaço com características de personagens. A aluna em questão começou a sorrir e logo deu

risadas, em seguida mostrou interesse em participar, neste momento procurou-se agir com tranquilidade e a aluna foi convidada para jogar. Ela ainda com sorriso estampado no rosto começou a interagir. A estratégia usada na adaptação desta prática, foi se adequar a realidade do aluno, respeitando as suas diferenças individuais (ritmo de aprendizado, dificuldades), como meio para desenvolver suas capacidades. Desta forma, no decorrer do processo “[...] torna-se fundamental respeitar o ritmo de aprendizagem dos alunos” (JAPIASSU, 2008, p.92).

O segundo nó a desatar surgiu no primeiro dia de aula, envolvendo a estruturação das sessões de aula. O fato é que aconteceu uma situação até então inusitada, ao entrar na sala (com dimensões de 9x11m²), o espaço físico estava praticamente todo preenchido, com um grande número de classes, cadeiras e a mesa do professor. As primeiras classes ficavam aproximadamente a dois metros do quadro negro na parede da sala de aula.

Nesta situação era praticamente impossível se ter um local compatível de jogos, pois o espaço que sobrava era muito pequeno e prejudicava a prática do jogo, porque ao todo eram 36 pessoas na sala e a área do ambiente estava praticamente toda preenchida. Pensando nas questões supracitadas é oportuna a citação: “[...] O planejamento de atividades para uma aula muitas vezes não pode ser cumprido como desejamos [...]” (JAPIASSU, 2008, p.92).

Ou seja, nem sempre o que se tem preparado para a aula, vai conseguir-se colocar em prática. Assim, observa-se que é importante estar preparado para o imprevisto e adaptações, implementar, enfim ter uma alternativa esquematizada como provável solução que é criada para resolver os problemas. Um exemplo, é ter alguns jogos memorizados e outros sendo implementados com o foco da experiência nas possíveis dificuldades dos alunos no momento da prática.

Então, ocorreu em sala de aula a apresentação e falou-se do objetivo do trabalho. Após a chamada, os alunos foram solicitados que se apresentassem e falassem de suas possíveis experiências com o teatro e o que esperavam com essa aula. Após, orientou-se que se colocassem em pé ao lado de suas classes (para alongamento e relaxamento). Em seguida desenvolveram-se Jogos sensoriais ex.

sentindo o eu com o eu⁴; e ouvindo o ambiente⁵. Solicitou-se após cada jogo que os alunos uma a um falassem de suas sensações que tiveram com as práticas desses jogos.

Surge, por parte desse pesquisador, um questionamento no caminho para casa: Como será desenvolvida a sistematização de Jogos de Viola Spolin ao qual havia acontecido uma preparação?

Os próximos dias foram maçantes, pesquisou-se, estudou-se, noites mal dormidas em cima dos livros e a sensação de ansiedade em não saber como resolver a situação do pouco espaço físico em sala de aula.

Partiu-se para a revisão de bibliografias, e encontrou-se um autor que se tornou principal referência metodológica nas aulas. Ele apresenta uma estrutura de organização e desenvolvimento das aulas dentro do procedimento pedagógico para o ensino do teatro no sistema de Viola Spolin (JAPIASSU, 2008).

Muito importante para a prática nesse contexto da escola, porque montou-se uma estrutura organizacional para as sessões das aulas conforme a realidade da escola estudada.

Assim, dentro da realidade do espaço físico restrito, com grande número de alunos neste ambiente, operacionalizou-se o sistema de Viola Spolin com seus eixos. Montou-se metodologicamente como diz Japiassu, uma espécie de ritual:

- Realização da chamada escolar;
- Leitura de protocolos das aulas (foi decidido em conjunto que apenas alguns protocolos eram lidos em cada aula, devido ao grande número de alunos);
- Breve revisão dos elementos da linguagem teatral trabalhados em aula anterior;
- Aquecimento físico e vocal;
- Organização da sala;
- Operacionalização (Líderes: indicações do foco, instrução, e experienciação de séries de jogos. Com as equipes: exploração dos Jogos Teatrais, com avaliações coletivas). Eram realizadas adaptações de acordo com as necessidades de ensino-

⁴ Sentindo o EU com o EU – A2 (O aluno em sua classe se concentra em si mesmo para trabalho com a percepção corporal) (SPOLIN, 2008).

⁵ Ouvindo o ambiente – A3 (ouvir o maior número de sons possível no ambiente imediato) (SPOLIN, 2008).

aprendizagem da turma, ou mesmo selecionados jogos adequados as dificuldades observadas com o grupo.

- Alongamento;
- Círculo de discussões coletivas (Eram comentadas algumas percepções, dúvidas, sugestões. Normalmente um representante dos grupos ou quem quisesse falava, não necessariamente o líder).

Já com mais tranquilidade na aula seguinte, após a chamada, solicitou-se aos alunos que se organizassem em grupos conforme suas respectivas fileiras de carteiras. Cada grupo formado escolheu um representante, de forma consensual, já impulsionando a socialização com a busca do rompimento do isolamento, pois a turma era dividida em subgrupos bem definidos e a ideia era ter uma melhor integração entre si e a possibilidade de um confronto de ideias.

Pedi-se que todos se posicionassem ao lado de suas respectivas carteiras e se realizou um aquecimento físico e vocal, de maneira leve, porque se tratava aparentemente de anatomias corporais com certa fragilidade. Realizou-se então um relaxamento do trato vocal, como segue adiante – Fazer caretas (relaxamento facial e maxilar); Vibração dos lábios sem e com som (produção de ‘s’ ou ‘f’); Vibração da língua (BRR/ TRRR/ PRR). E um relaxamento geral (deixar o corpo cair como um pêndulo e expirando; rotação da cabeça e ombros; espreguiçando em seguida na tentativa de chegar com as mãos no teto) (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO PARANÁ, 2014).

Na sequência, retiraram-se algumas classes, do início da fileira levando-as até o meio das filas, recolocando-as nos espaços entre o que restou das linhas de classes.

De acordo com uns dos primeiros protocolos preenchidos nas aulas, os alunos inventaram um jogo a partir dessa nova organização da sala, que chamaram “*de atividade ninja*”. Nas palavras do aluno (P.T. M) “*Aqui eu faço e posso ser o quiser*”, registrando essa fala com o nome dado a essa atividade (ninja) em um dos seus protocolos. Observa-se algo para além do que os alunos estavam habituados, ou seja, como um novo lugar ao qual a espontaneidade e a improvisação não tinham limites. Assim, na relação com o ambiente escolar em outro contexto que não seja o de estar em uma classe recebendo informações, proporcionou-se uma nova resignificação a sala de aula.

Dessa forma, com essa maneira de reorganizar a sala também foi feita a relação dos que jogam e os que observam (elemento palco/plateia), como observa-se

na Figura 3, tão importante no contexto de sistematização dos Jogos Teatrais de Viola Spolin.

Neste contexto, solicitou-se aos representantes de cada grupo, que viessem para a área de Jogo (os adolescentes já haviam batizado as equipes com nomes como: Bruxos, Turma da Lia, Vai que dá, Fui eu mesmo; fatos esses que impulsionaram neste momento suas relações sociais, pois grupos divididos por afinidades começaram a ter mais integração entre si e com as atividades propostas). Os líderes (representes de cada subgrupo, escolhidos de forma consensual) se posicionaram ao lado do quadro (Figura 3) e os demais alunos ficaram como “plateia”, sentados nas classes ou em pé.

Figura 3 - Relação palco/plateia; representantes dos grupos na exploração de séries de jogos, análise do objeto de estudo no ambiente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019)

Neste ponto, falou-se a todos que estaria iniciando uma experiência com Jogos Teatrais, que são baseados num sistema de regras, da autora Viola Spolin. Então, com os líderes no “palco”, repassou-se uma série de 04 Jogos, que eles experienciaram (definiu-se o nome do jogo, as instruções e o foco; realizou-se cada um dos Jogos); Se salientou para a plateia, antes da prática, que deveriam observar atentamente as explorações e as orientações dos jogos no palco.

Após essa experiência, orientou-se aos líderes que se direcionassem aos seus respectivos grupos e de forma consensual, decidissem entre todos, qual desses jogos que foram explorados, a equipe iria experienciar, a única regra geral, era na medida

do possível não repetir o jogo entre as equipes, já também como uma estratégia de integração e socialização.

Cada grupo alternadamente fez a apresentação de um Jogo (Figura 4), com um procedimento de avaliação coletiva na sequência.

Figura 4 - Apresentação das atividades de jogo pelos grupos de alunos, observação do objeto de estudo e seu comportamento no ambiente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019)

A avaliação coletiva ocorria após cada subgrupo apresentar sua prática de jogos. Plateia e jogadores falavam sobre como resolveram os problemas para chegar ao foco. Convém expor a importância no trabalho com a comunicação verbal neste elemento do Jogo Teatral.

A maioria dos alunos conseguiram realizar a avaliação coletiva, alguns apresentaram dificuldades iniciais (constrangimento, inibição), mas aos poucos essas dificuldades foram sendo eliminadas, pois eles praticavam os Jogos Teatrais de forma prazerosa e lúdica.

Este contexto se liga à teoria de Spolin por se tratar de uma das essências do Jogo Teatral (foco, instrução e avaliação coletiva). E se liga à teoria de Japiassu, pois está articulado a fase de operacionalização dos jogos (no sistema de Viola Spolin) dentro da estrutura de organização e desenvolvimento das sessões de aula (espécie de ritual).

Na prática da avaliação coletiva salientou-se para os alunos que não julgassem certo ou errado, apenas dessem a sua opinião. Então, a “plateia” falava ao grupo após cada apresentação (se foram obedecidas as regras, se os componentes do grupo apresentaram algum grau de dificuldade, que nome daria a este jogo). E os jogadores falavam ao público (como havia sido a experiência, qual a principal preocupação de todos, como se sentiram). Assim, estimulou-se os alunos para que falassem aos espectadores.

Um aluno no fundo da sala durante a exploração do Jogo construindo uma história⁶ disse: “*Não estou ouvindo direito, a gente poderia colocar alguém no fundo da sala para controlar por gestos a altura da voz de quem fala*” (P.R), colocou-se em prática a sugestão do aluno.

Tal fato foi um forte apelo à conexão com a espontaneidade pela forma descontraída que foi relatada a situação, com a improvisação por realizar gestos com os braços e as mãos para chamar a atenção; gerando uma ação prática que denota o rompimento com o isolamento pela maneira voluntária como buscou o contato com a interação com os demais alunos, bem como a integração com as ideias e as atividades propostas, pelo sensível interesse no desdobramento da prática do Jogo Teatral. Importante salientar neste contexto, que “O valor da arte teatral na escola [...] quando atinge outra leitura, está atrelada ao desenvolvimento da comunicação e desinibição [...]” (CAMELO, 2015, p. 96).

Dentro das percepções quanto ao objeto de estudo, e como ele se comporta no ambiente desta pesquisa, percebe-se que este trabalho constitui-se uma forte experiência, como futuro docente, pelo contato na prática com os elementos que envolvem os Jogos Teatrais, os adaptando de acordo com as dificuldades dos alunos e situações do ambiente, bem como as possíveis interpretações das diferenças individuais em sala de aula.

Salienta-se que em alguns momentos não foi possível realizar este “*ritual*”, ao pé da letra, pois o envolvimento com algumas características de determinados jogos, consumiam o tempo das aulas, como por exemplo, ao tentar realizar o jogo caça-gavião - A18⁷ (SPOLIN, 2008). A área física não deu suporte para a realização do jogo

⁶ Construindo uma história– A76 (Comunicação falando- narrando, um jogador inicia uma história em certo ponto outro jogador continua) (SPOLIN, 2008).

⁷ Caça-gavião –A18 (Jogadores em fila indiana, com as mãos na cintura do parceiro da frente, o gavião ao escolher alguém tenta pegá-lo, a fila move-se para proteger o colega que o gavião quer pegar) (SPOLIN, 2008).

mesmo com o novo arranjo da sala; outro exemplo, neste caso envolvendo as susceptibilidades individuais, se dá no Jogo da Trapaça - A11 (SPOLIN, 2008).

A falta de interação de um aluno gerou um desinteresse total do grupo no jogo, que foi conveniente usar uma estratégia, definida através do compartilhamento das percepções da turma, para não perder a atenção do grupo); ainda outro exemplo quanto às situações que eram necessárias algumas adaptações. No jogo quem iniciou o movimento - A13 (SPOLIN, 2008). Aconteceram algumas exaltações na relação entre os alunos, sugeriu-se que se posicionassem em círculo, fechassem os olhos, com os braços paralelos as pernas e procurassem livrar a cabeça de todo e qualquer pensamento. Então foi sugerido um exercício de relaxamento geral, orientou-se que deveriam deixar o corpo cair como um pêndulo e expirando, e em seguida realizar uma rotação da cabeça e ombros, na sequência espreguiçar tentando chegar com as mãos no teto (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO PARANÁ, 2014).

Também um exemplo se ressalta quanto ao trabalho com algumas dificuldades, no caso a improvisação (durante o jogo pegar e congelar - A56 (SPOLIN, 2008). Dizia-se “congela a turma”, e realizava-se uma adaptação: dividia-se o grupo em equipes, passava-se um tema - convite, declaração de amor, etc. a cada equipe, para montar uma fotografia e após alguém dava um título e tentava vendê-la) e assim consumiam-se o tempo útil, e em determinadas situações, os passos eram concluídos ou resumidos em outro momento.

Nesta experiência em termos práticos, ressalta-se como pontos de destaque, inicialmente as adaptações, pois é muito importante se ter uma sequência de jogos preparados como alternativa, além daqueles jogos planejados para a aula, ou mesmo adaptá-los de acordo com situações e dificuldades inesperadas; Em seguida as possíveis estratégias, porque são empregadas durante as práticas dos Jogos Teatrais por serem uma alternativa de trabalho, com os anseios dos alunos durante as aulas. Como outro ponto, destacam-se os assuntos desenvolvidos no círculo de discussões por serem uma descoberta muito importante para conhecimento dos anseios, das dificuldades e o estímulo ao compartilhamento.

Importante salientar ainda dentro dos pontos de destaque dessa pesquisa que o processo foi desenvolvido com decisões coletivas do grupo e subgrupos que permitiram um processo de trabalho colaborativo promovendo a troca recíproca de informações e ideias.

Dessa forma, estes pontos destacados na experiência, se relacionam com os objetivos específicos por auxiliar com uma base sólida para a prática Teatral, tendo como base os Jogos Teatrais; Ampliando-se a investigação das qualidades expressivas e a corporeidade dos alunos; Proporcionando ao grupo o contato com a linguagem teatral.

Os pontos se relacionam com os procedimentos metodológicos da teoria de Japiassu, quando estimulavam o desenvolvimento do trabalho, dentro da estrutura de organização e desenvolvimento das sessões de aula (espécie de ritual); E em relação a teoria de Spolin quando articulada a esta estrutura de organização aulas na fase da operacionalização dos jogos, permitiu um planejamento, uma direção e um controle dentro do contexto desta escola.

Os pontos destacados na experiência, também se relacionam com a revisão de literatura, em Andrade (2006) pelo auxílio na observação pormenorizada de como os Jogos Teatrais se comportam na escola, principalmente durante os círculos de discussões com a troca de informações. Em Camelo (2015) quando propõe a análise das dificuldades da vida real dos alunos; Já em Fabi (2013) ao trabalhar estímulos imediatos dentro de uma ação criadora é uma importante forma de impulso ao desenvolvimento de estratégias com os possíveis anseios dos alunos. Em Faria (2002) quando o jogador ao realizar práticas impulsionadas pela sua própria ação, trabalha elementos de adaptações.

De cada elemento destacado no texto, explana-se quanto as adaptações, que são importantes fontes de trabalho com as situações e dificuldades inesperadas que possam surgir nas aulas.

Com relação às estratégias, a melhor é se ter uma sequência de jogos prontos como alternativa de trabalho, quando algum jogo não der certo. Já os círculos de discussões são importantes apoios para analisarem-se as percepções, dúvidas e sugestões dentro do grupo. E as decisões coletivas impulsionam além de uma valorização individual a promoção de um processo para o compartilhamento de saberes, impulsionando um novo olhar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência demonstrou que, verdadeiramente, os procedimentos com o conteúdo Jogos Teatrais no ambiente escolar podem ser um excelente meio de construção de conhecimento e desenvolvimento de expressões criadoras, gestuais e verbais.

Confirma-se que cada elemento da linguagem teatral é trabalhado pela vivência e preparação dentro da experiência que este procedimento lúdico proporciona, por exemplo, dentro da área de voz e estímulo a comunicação, para se trabalhar a desinibição de falar em público, para o desenvolvimento de habilidades no contato com a plateia, transmitindo a fala em um tom adequado a escuta e compreensão; Dentro da área do ritmo pela interação ativa, verdadeira e espontânea dos estudantes na conexão entre si e na intensidade do desenvolvimento das propostas. Assim, o conteúdo Jogos Teatrais estimulam as potencialidades dos alunos dentro de cada elemento trabalhado para que se tornem mais seguros.

Inclusive, atendendo as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ou seja, o planejamento dos conteúdos curriculares deve ser realizado pelas próprias escolas; A arte teatral não é tratada como disciplina nessa legislação e para os quais não são definidos conteúdos como subsídio para o trabalho no Ensino Médio, os Jogos Teatrais neste sentido são preciosos conteúdos, pois estimulam as potencialidades dos estudantes, servindo então de aporte à escola no seu planejamento curricular da disciplina de Artes.

A partir do desenvolvimento da pesquisa pode-se observar o aprimoramento de habilidades dos estudantes, à medida que iam surgindo interações entre os alunos que apresentavam algum grau de dificuldade, como na improvisação e espontaneidade, por exemplo; informação essa que foi revelada explicitamente após o jogo Quem iniciou o movimento (A13) e trabalhado com adaptações no jogo Pegar e congelar - A56 (ambos do fichário de Viola Spolin) quando se montavam fotografias temáticas no decorrer do jogo para apresentá-las ao público e vendê-las, a partir daí gradativamente foi-se resolvendo essa dificuldade de improvisação e espontaneidade, apresentada pelos alunos, pois as escolhas foram feitas pela realidade na observação das suas dificuldades. E também como exemplo no isolamento, observado por seus subgrupos bem definidos, a ideia inicial como estratégia foi trabalhar com equipes

montadas por linha de classes para a prática dos jogos, bem como a participação nos círculos de discussões para o estímulo ao diálogo e o confronto de ideias. O trabalho colaborativo para as atividades em grupo, também foi um grande apoio, nesta dificuldade; assim o isolamento foi-se tornando interação, fatos esses percebidos nos relatos e relações sociais que foram surgindo com os alunos.

Percebeu-se então que os Jogos Teatrais são um método de ensino organizado e sistematizado, conforme a teoria de Spolin; Descreve-se uma nomenclatura, com os jogos divididos em categorias, com um passo a passo para orientar o professor.

Essa teoria se conecta nesta prática pela possibilidade da seleção dos jogos de acordo com as dificuldades apresentadas, sejam elas de ordem sociais ou psicológicas.

Observou-se na coleta de dados por meio de caderno de notas, protocolos, observações e relatos, as informações pertinentes ao trabalho, interpretando as dificuldades e características individuais dos estudantes, para o uso de possíveis estratégias e a análise permanente do progresso das práticas dos Jogos Teatrais e suas adaptações.

Do ponto de vista da formação docente, com o desenvolvimento deste trabalho permitiu-se, em termos práticos lançar um olhar de reflexão e experiência sobre as atividades em teatro deste pesquisador, onde houve o acréscimo de saberes à formação, pela gama de conhecimentos adquiridos na experiência do contato com alunos; e o desenvolvimento de habilidades de desempenho em sala de aula aliadas ao planejamento de ensino; criando condições favoráveis para facilitar o trabalho de aprender principalmente em relação às adaptações e implementações dos jogos de acordo com o ambiente e as próprias dificuldades dos alunos; bem como as interpretações mais adequadas possíveis para o entendimento das características individuais.

A ideia não foi ter uma fórmula pré-determinada, mas sim um aporte com base nas teorias de Japiassu e Spolin, e na realidade deste contexto escolar, como esforço para compartilhar o conteúdo Jogo Teatral, que se comportou nessa pesquisa como uma maneira lúdica de aprender.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; BOCK A. M. B.; OZELLA S. **Adolescências construídas**. São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, A. F. de. **Práticas teatrais no Ensino Médio**: Dez anos de oficinas de teatro no colégio Manoel Novaes. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2006. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16416/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FINAL.pdf>> Acesso em: 25 set. 2019.

BANDEIRA, A. A formação do professor e o uso do teatro como ferramenta de trabalho na educação básica. In: BANDEIRA, Ana; SERPA, Lucia; CARTAXO, Carlos (Org.). **Teatro na Educação**. João Pessoa: UFPB, 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

CAMELO, N. B. D. **Práticas teatrais na educação**: Será que dá jogo? Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista. São Paulo. SP, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136791/000859951.pdf?sequence=1>> Acesso em: 10 jul. 2019.

FABI, M. C. **Os Jogos Teatrais e as possibilidades de ação e interação com e entre estudantes de Ensino Médio de escola pública integral**. 2013. Monografia (Especialização em Educação Integral). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/105655/MARIA%20CRISTINA%20FABI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 25 out. 2019.

FARIA, A. A. de. **Contar histórias com o Jogo Teatral**. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27139/tde-11122008-092315/publico/Contar.pdf>> Acesso em: 08 ago. 2019.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

JAPIASSU, R.O.V. **Metodologia do Ensino do Teatro**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

_____. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas: Papyrus, 2014.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

LETRAS. **Música começa com letras**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/thais-serra/1416710/>>. Acesso em: 07 out. 2019.

OLIVEIRA, H. C. de. Teatro na educação: entre instrumento e conhecimento. In: BANDEIRA, A; SERPA, L; CARTAXO, C. (Org.). **Teatro na Educação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

REVERBEL, O.G. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **O teatro na sala de aula**. 2 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

SERPA, L. Caminhos e descaminhos do teatro como instrumento pedagógico. In: BANDEIRA, Ana; SERPA, Lucia; CARTAXO, Carlos (Org.). **Teatro na Educação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1963.

_____. **O fichário de Viola Spolin**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **Jogos Teatrais na sala de aula**: Um manual para o professor. Traduzido por Ingrid D. Koudela. 2. ed. São Paulo: Perspectiva. 2012.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO PARANÁ. **Superintendência de Educação**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2014. v.2. (Cadernos PDE). Disponível em:< www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20 >. Acesso em: 31 out. 2019.